

A produção do espaço na sociedade de elite e o planejamento

AUP 272 Organização urbana e planejamento

Csaba Deák e Klara Kaiser

2º semestre de 2009 FAU USP
Monografia individual

Marcela Sayeg Johansson

5915382

1) introdução

As linhas do destino nas mãos a mão apagou

Ele já tem a alma saturada de poesia, soul e rock'n'roll

As coisas migram e ele serve de farol

[O Homem Velho, Caetano Veloso, 1986]

Busco nesta monografia estruturar da forma mais clara possível meu entendimento sobre os assuntos abordados na disciplina a partir da leitura de dois principais autores: Csaba Deák e Caio Prado Jr. Pretendo me deter na questão da produção do espaço e o planejamento, mas para isso será necessário o embasamento nos muitos conceitos apresentados e trabalhados através dos verbetes, disponíveis no site da disciplina.

Para tratar destas questões tento deixar clara a importância ressaltada por ambos os autores sobre a perspectiva histórica. Sendo assim, gostaria de conseguir explicitar como a formação da sociedade brasileira, desde a colonização portuguesa, implicou a produção do espaço no qual vivemos hoje.

O entendimento sobre essa relação é fundamental. Uma proposição que não apreenda esse entendimento pode se dar de maneira ingênua e também, geralmente, desastrosa. O conhecimento sobre os processos históricos que já passamos pode nos ajudar a construir uma crítica livre da ideologia sob a qual estamos submetidos, correspondente a um estágio de desenvolvimento o qual nem sequer alcançamos.

Creio ser importante o conceito de ideologia perante o pensamento marxista, para o qual a ideologia é um conjunto de proposições que fazem o interesse de uma classe dominante se passar por interesse coletivo, construindo e reafirmando a hegemonia daquela classe. As proposições não são necessariamente falsas, mas desconstruem a

perspectiva histórica e sugerem outras que o são. Dessa forma se constrói um discurso lacunar, o qual tem por essência o não dito, porém sugerido.

Nesse trabalho procuro me contrapor a ideologia que emprestamos dos países que se encontram num estágio intensivo de desenvolvimento do capitalismo. Assim, busco a crítica, farol que retoma a perspectiva histórica para demonstrar que aquilo que temos por certo e imutável é preceito de uma elite e, na verdade, passageiro. Se nos encontramos em um estágio que faz parte de um processo maior, podemos nos basear na crítica, criar utopias e entender que a mudança faz parte desse processo.

2) formação da sociedade brasileira

Em 1888 oficializa-se o fim da escravidão. Diferentemente do restante do mundo, onde o trabalho assalariado já era uma relação generalizada, o Brasil precisou de muita pressão externa para que isso acontecesse. Mas porque? Naqueles tempos, a produção do país era totalmente agrícola, com o objetivo principal de exportação. Como a maior parte da população era composta de escravos, realmente não havia um mercado interno. A finalidade de toda a produção era o lucro obtido através da comercialização com outras nações. Sendo assim, não existia um motivo econômico interno para findar a escravidão.

Esse motivo surgiu em outros países. Na Europa, a Revolução Industrial acelerou de tal maneira a produção que se tornava necessário o aumento do mercado consumidor. A população européia não dava mais conta de consumir tudo o que era produzido, logo a solução encontrada foi a expansão do mercado consumidor para além de seus territórios. Estabeleceu-se então uma nova forma de exploração das colônias, que antes eram somente fontes da matéria prima. Mas para que tudo isso pudesse ocorrer, era do interesse das nações

chamadas então de imperialistas, que as colônias desenvolvessem mercados consumidores, colocando em xeque o trabalho escravo.

Aqui no Brasil a escravidão só foi abolida de fato após um longo processo, que buscou ao máximo retardar o momento de mudança efetiva das relações de trabalho. Os senhores de escravos não viam muito futuro nessa mudança, afinal o que eles poderiam ganhar com isso? É claro que existia uma necessidade interna de acompanhar as mudanças mundiais, explorando a mão-de-obra mais qualificada e assalariada. Mas em sua maioria eles continuariam produzindo para exportar, pois de início o escravo livre ainda não tem poder aquisitivo para constituir um mercado consumidor expressivo. Logo, não haveria um aumento do consumo daquilo que era produzido no país, o que poderia constituir realmente um mercado interno.

Fora isso, a produção brasileira não oferecia muito ao consumidor interno, uma vez que era constituída integralmente de matéria prima. Assim, qualquer mercado que viesse a se constituir, acabaria sendo consumidor de produtos importados, que afinal de contas era o objetivo desde o início.

3) manutenção da sociedade brasileira

A língua é minha pátria

E eu não tenho pátria: tenho mátria

Eu quero fátria

[Língua, Caetano Veloso, 1984]

Abolida a escravidão, fica mantida no entanto a estrutura geral: senhores de um lado, escravos do outro. A conjuntura não é mais a mesma, porém, podemos dizer que não modificou-se o caráter das relações sociais. Ao invés do ocorrido na Europa, onde houve uma mudança gradual, motivada pelos processos internos, do sistema servil para o assalariado, por assim dizer, aqui no Brasil o processo se deu de

cima para baixo, sem uma construção das bases adequadas que caracterizariam uma mudança no quadro social.

É claro que também na Europa a relação servil deu lugar a uma relação de classes estamentais, no entanto, quero ressaltar que naquele momento já existiam nuances que diversificavam a população em mais do que apenas duas classes antagônicas. Isso principalmente devido ao artesanato que se desenvolveu e deu início a uma classe comerciante, que por sua vez gerou uma atividade e uma ocupação do espaço diferentes das que existiam antes.

Aliás, a formação dos espaços onde se davam as trocas e atividades comerciais é um ótimo exemplo daquilo que pretendo formular, que é como se dá a produção do espaço. Nesse caso fica claro que o espaço produzido por uma sociedade é reflexo dela mesma, sendo que o novo espaço surge juntamente com a nova atividade e a nova sociedade que se esboça a partir desses pequenos comerciantes.

Juntando as idéias apresentadas nos parágrafos anteriores, chegamos a seguinte conclusão: o espaço da sociedade brasileira, assim como ela própria, não se modificou. A sociedade permanece com seus traços coloniais escravistas, o mercado consumidor interno ainda não é expressivo e o espaço reflete isso: as grandes propriedades ainda são regra, não exceção, e a produção advinda desse espaço ainda é matéria prima, com foco na exportação.

Na Europa se estabelecia uma sociedade burguesa, baseada na lógica do contrato, fundando uma ideologia burguesa que preconizava as relações horizontais, a fraternidade; enquanto no Brasil as coisas permaneciam, com pequenas rupturas.

4) produção, espaço e reprodução

Ver na historiografia o recurso para explicar causalmente, mas com base empírica sólida, a natureza e os limites do desenvolvimento que o colonialismo e o imperialismo forjaram para as "nações emergentes"

[Os enigmas do círculo vicioso, Florestan Fernandes]

No prefácio de Florestan Fernandes ao livro *História e Desenvolvimento* de Caio Prado Jr. o título dado parece poético: Os enigmas do círculo vicioso. Gostaria de aproveitar a idéia de círculo vicioso para o que venho tentando escrever. Para Florestan Fernandes a história culmina na explicação do presente e existe uma relação recíproca entre teoria e prática, conhecimento e transformação.

Partindo disso entendo a importância do conhecimento para a produção do espaço. Somente através dele podemos atuar fora do alcance das bases ideológicas sobre as quais vivemos, daí a transformação. Já vimos que o espaço é produzido por uma sociedade a sua semelhança, porém como ele é produzido?

No caso já citado sobre a formação dos burgos, aquele espaço surge de uma necessidade inerente a atividade comercial que despontava. As feiras e mercados estabelecem uma rede de relações econômicas entre localizações, nesse caso não há Estado intervindo e portanto o mercado por si só regula o preço das localizações.

Com o crescimento da divisão do trabalho se faz necessária a estruturação do espaço, ou seja, a construção de estruturas físicas que viabilizem a interconexão das localizações, como caminhos e estradas. A própria importância do Estado aumenta, uma vez que é ele o responsável pela estruturação do espaço e por delegar o uso das localizações resultantes à regulação do mercado, sob algumas restrições.

É justamente sob os aspectos das restrições que se dá a dialética entre Estado e mercado. O objetivo do Estado é ampliar a capacidade do mercado, no entanto, *quanto mais se desenvolve a produção de mercadorias, tanto mais se amplia a necessidade de intervenção do Estado* (DEÁK, 1989). Logo, o Estado intervindo mais no âmbito do mercado acaba por atrofiá-lo, explicitando a relação antagônica entre os dois.

5) planejamento, ideologia e crítica

*Ideologia no pensamento Marxista (materialismo dialético)
é um conjunto de proposições elaborado na sociedade
burguesa com a finalidade de fazer aparentar os interesses da classe
dominante com o interesse coletivo, construindo uma hegemonia
daquela classe.*

[verbetes, ideologia - Marilena Chauí, O que é ideologia, 1979]

*Uma ideologia difere do mundo concreto não naquilo que afirma,
senão no que cala (discurso lacunar) - não nega, apenas escamoteia
a existência de conflitos na sociedade. Um 'apelo à razão'
é um convite a esquecer a existência de conflitos sociais.*

[verbetes, racionalismo]

Uma vez entendida a dialética entre Estado e mercado e como se dá a produção e o uso do espaço através dessa relação, nos resta entender qual é o instrumento que o Estado possui para dar cabo a essa produção, além de compreender a que interesses essa produção está voltada.

Retomando as considerações sobre a formação da sociedade brasileira podemos desconfiar de que aqui no Brasil o Estado ainda não tem muito sentido, quer dizer, não tem o mesmo sentido que tem em países onde o capitalismo se encontra em estágio mais avançado. Digo isso porque a nossa sociedade não se iguala as sociedades que vivem sob o estágio intensivo do capitalismo, sequer

alcançou o estágio extensivo da mesma maneira que essas outras sociedades. Sendo assim, o Estado brasileiro logicamente tem um caráter diferente dos Estados de países chamados "desenvolvidos", visto que o Estado é eleito por uma sociedade para garantir os meios de reprodução da mesma.

No Brasil o Estado representa os interesses de uma sociedade de elite. A ideologia que reina nessa sociedade nos faz acreditar que os meios de reprodução dos entraves ao nosso desenvolvimento são devidos a nossa dependência ou ao "atraso" no qual nos encontramos, motivos pelos quais é praticamente impossível a sociedade brasileira se rebelar (DEÁK, 1991). Assim, através dessa ideologia, essa sociedade consegue se manter no poder, mantendo um Estado em função dos seus interesses.

O planejamento entra em questão como instrumento desse Estado, ou seja, dessa sociedade. Sem a crítica seu alcance não sai da órbita dos interesses da sociedade de elite e de sua ideologia. O papel do planejamento, nesse caso, é o de reproduzir e manter os entraves ao desenvolvimento, baseando-se num discurso racional que ideologicamente nos faz acreditar que é um função de um tal de interesse coletivo, que elimina os possíveis conflitos de interesses entre classes.

6) conclusões

Ao final de cada item constante nessa monografia existe uma reflexão sobre o assunto abordado. O que se pode dizer, retomar, como conclusão geral do trabalho é uma reflexão sobre a totalidade das questões que me propus, quase um resumo.

A música de Caetano Veloso no início foi citada pois na parte extraída fica a referência a uma mão que apaga as linhas de outras

mãos, que mesmo sendo na música as “do destino”, em minha interpretação me serviu para lembrar o papel da ideologia em relação a perspectiva histórica. Em seguida ainda nos é lembrado que as coisas mudam, e no caso a crítica pode nos servir de farol.

No caso da outra música citada, *Língua*, é estranho e para mim misterioso o significado de mátria, porém Caetano pede fátia, ou seja, uma nação baseada em relações horizontais. Essa por sua vez foi um dos princípios da revolução burguesa, no caso da França fraternidade faz parte do lema da bandeira, que de início estava acompanhada por igualdade, liberdade e também amor, porém este último não permaneceu por muito tempo como um dos lemas.

Essa talvez seria a revolução de se esperar que aconteça no Brasil, porém não podemos dizer se o curso das coisas irá, algum dia, caminhar aqui como caminhou por lá. Enquanto isso o Brasil mantém sua insustentável crise da acumulação entravada (DEÁK, 1991), através da expatriação de parte do excedente produzido, como ocorria quando ainda colônia.

De fato, nossa organização social e portanto espacial ainda se articula em virtude dessa expatriação. Se a intenção é mudar esse quadro, não vejo nada melhor do que a crítica para que isso se concretize. Qualquer proposição no âmbito do planejamento deve ter em mente que o papel histórico do mesmo é o de viabilizar a reprodução do status quo, logo a mudança não pode surgir apenas dentro desse âmbito se quiser ser eficaz.

7) bibliografia

DEÁK, Csaba. 1991. Acumulação entravada no Brasil / E a crise dos anos 80. Espaço e Debates 32:32-46, republicado in Deak, Csaba e Schiffer, Sueli (1999) O processo de urbanização no Brasil. São Paulo: Edusp.

DEÁK, Csaba. 2001. Localização e espaço: valor e uso de valor. In: À busca das categorias da produção de espaço. Tese de LD, FAUUSP, São Paulo.

DEÁK, Csaba (1989c) "O mercado e o Estado na organização espacial da produção capitalista" Espaço & Debates, 28:18-31

PRADO JR., Caio. 1968. História e desenvolvimento. A contribuição da historiografia para a teoria e prática do desenvolvimento brasileiro. São Paulo: Brasiliense.

Principais verbetes consultados:

- Ideologia
- Crítica
- Utopia
- Espaço, produção do
- Estado e mercado
- Sociedade de elite
- Racionalismo
- Planejamento
- Acumulação entravada
- Liberalismo
- Neoliberalismo
- Social democracia